



O Outeiro das Mariolas no contexto do Calcolítico Final/ Bronze Inicial

Sílvia Mendes*

Palavras-chave

Calcolítico Final / Bronze Inicial; Minho; práticas funerárias e rituais

Keywords

Calcolithic / Early Bronze Age; Minho; cultic and funerary practices

Resumo

O presente artigo pretende dar conta dos resultados dos trabalhos arqueológicos efectuados no Outeiro das Mariolas (Ruivães, Vieira do Minho, Braga) pela empresa Archeo'Estudos, Lda. entre Outubro de 2006 e Novembro de 2007, no âmbito da construção da Subestação de Frades a 150/60 kV. Os trabalhos de minimização integraram a escavação total de um monumento funerário pré-histórico e a abertura de sondagens de diagnóstico na área envolvente.

Neste local pudemos constatar que o monumento funerário se associa a outras formas de ocupação do espaço identificadas nas plataformas mais baixas do planalto: duas estruturas possivelmente relacionadas com manifestações rituais e um pequeno habitat.

Aqui procura-se sobretudo fazer uma integração cronológico-cultural destes elementos no contexto do Calcolítico Final/ Bronze Inicial do Noroeste da Península Ibérica, e tecer algumas considerações interpretativas integradas no âmbito das práticas funerárias e culturais deste período.

Abstract

This article intends to explain the results of archaeological work carried out in the Outeiro das Mariolas (Ruivães, Vieira do Minho, Braga) by Archeo'Estudos, Ltd. between October 2006 and November 2007 under the construction of the Substation of Frades at 150/60 Kv. The work included total excavation of a prehistoric funerary monument and the opening of archaeological surveys in the surrounding area.

On this site we could see that the funerary monument is associated with other forms of occupation of the space identified in the lower decks of the plateau: two structures possibly related with events and rituals and a small habitat.

Here mainly we will make a chronological and cultural integration of these elements in the context of the Late Calcolithic / Early Bronze Age Northwest of the Iberian Peninsula, and some considerations about cultic and funerary practices of this period.

* Arqueóloga (silvialoureiromendes@yahoo.com.br)

1. Introdução

Nesta síntese pretendemos dar conta dos resultados dos trabalhos arqueológicos efectuados no Outeiro das Mariolas, na freguesia de Ruivães, no concelho de Vieira do Minho (Braga), no âmbito da construção da Subestação de Frades a 150/60 kV¹.

Esta intervenção, realizada em duas fases, surgiu no seguimento das determinações impostas pela respectiva Declaração de Impacte Ambiental e pelo ex-Instituto Português de Arqueologia, na medida em que a referida infra-estrutura teria um impacto directo sobre o monumento funerário com *tumulus* identificado no local. Numa primeira fase, procedeu-se à escavação total do monumento pré-histórico com o objectivo de efectuar um registo exaustivo da estrutura e à abertura de sondagens de diagnóstico em toda a plataforma envolvente, de modo a avaliar a existência de outros testemunhos arqueológicos. A escavação do monumento funerário (sondagem 1) foi da responsabilidade de Sandra Nogueira e a intervenção na área envolvente fez-se sob a responsabilidade da signatária. O conjunto da intervenção teve a consultoria científica da Dra. Carla Stockler. A segunda fase dos trabalhos integrou o acompanhamento intensivo da obra que conduziu posteriormente à realização de novas sondagens, uma vez que foram identificadas áreas de interesse arqueológico.

Por último, procura-se fazer uma integração cronológico-cultural destes elementos e tecer algumas considerações interpretativas integradas no âmbito das práticas funerárias e culturais do Calcolítico Final/Bronze Inicial.

2. Metodologias

A metodologia utilizada no decorrer da intervenção baseou-se na Matriz de *Harris* e na decapagem dos estratos naturais por ordem inversa à sua deposição até ao substrato rochoso. A cada depósito, estrutura e interface

vertical identificados foi atribuído um número de Unidade Estratigráfica. Todo o processo de escavação foi registado através do desenho de cortes e plantas à escala 1:20 e de fotografia digital e de diapositivos.

Foram inicialmente abertas sondagens de 4m², às quais foi atribuído um número, e que foram alargadas sempre que se justificou.

Foi feita uma recolha exaustiva de todos os materiais arqueológicos e os que consideramos relevantes foram posicionados tridimensionalmente, o que nos permitiu avaliar a sua dispersão.

Numa segunda fase dos trabalhos, foi necessário proceder ao acompanhamento arqueológico da construção da subestação, que foi feito de forma sistemática relativamente à desmatação e revolvimento de solos até ao substrato rochoso. Na área que foi considerada como sensível a nível arqueológico, os trabalhos foram realizados por uma única máquina retro escavadora, com pneus e balde de lâmina, permitindo a remoção de camadas de menor espessura. As terras provenientes desta zona foram colocadas à parte e procurámos que cada decapagem mecânica correspondesse aos estratos naturais, para que se pudesse proceder a uma crivagem por amostragem de modo a avaliar a existência e frequência da ocorrência de materiais arqueológicos. Deste modo, os elementos exumados determinaram a paragem dos trabalhos mecânicos e a necessidade de uma nova intervenção arqueológica no local.

3. O Outeiro das Mariolas

3.1. Enquadramento geográfico

O Outeiro das Mariolas localiza-se administrativamente na freguesia de Ruivães, no concelho de Vieira do Minho, no distrito de Braga. Geograficamente, situa-se no flanco Nordeste da Serra da Cabreira, num outeiro

¹ A obra em questão teve a REN - Rede Eléctrica Nacional, S.A. como promotor, estando os trabalhos de arqueologia integrados na componente de Supervisão e Acompanhamento Ambiental dos trabalhos de construção a cargo da Fase, S.A.

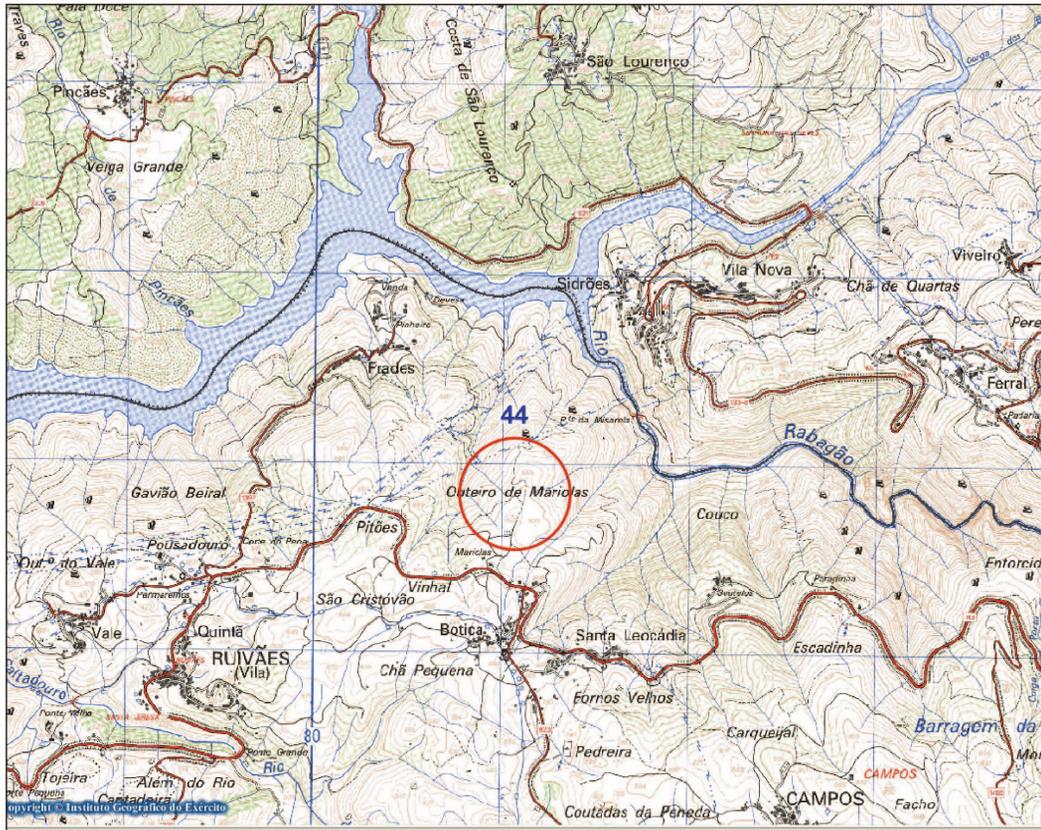


Figura 1. Localização do Outeiro das Mariolas (Ruivães, Vieira do Minho) na Carta Militar de Portugal, folha n.º 44 (Fonte: www.igeoe.pt acedido em Outubro de 2006).

amesetado (615m) de vertentes abruptas sobranceiro ao vale do rio Cávado, próximo da confluência deste com os rios Rabagão e Cabil, onde está implantada a barragem de Salamonde.

Em termos geológicos integra-se numa zona de contacto de granitos antigos, entre os granitos de Montalegre, Pondras e Borralha (granitos porfiróides, de grão médio a grosseiro, de duas micas, essencialmente biotíticos) e os granitos de Ruivães e Barroso (granitos de grão grosseiro, de tendência porfiróide, de duas micas). O outeiro é atravessado por alguns alinhamentos de fractura que correspondem a linhas de água principais que alimentam as bacias hidrográficas dos rios Cávado e Rabagão.

3.2. Descrição dos trabalhos

A área deste estudo localiza-se no topo do Outeiro das Mariolas em duas pequenas plataformas: na mais elevada, a uma cota máxima de 615m e na segunda plataforma, a uma cota média de 607m (Fig.2 e 3).

3.2.1. Mamoá (sondagem 1)

Precisamente no ponto mais elevado da primeira plataforma foi implantado o monumento funerário que foi escavado integralmente (Fig.4).

Inicialmente procedeu-se à remoção da camada humosa, no sentido de definir as dimensões da estrutura. Esta primeira abordagem permitiu verificar de imediato que a construção tumular se encontrava parcialmente destruída, quer devido à erosão natural dos solos, quer devido a factores humanos relacionados sobretudo com o pastoreio intenso na zona. Na área central pudemos observar uma depressão, provavelmente decorrente de uma violação intencional.

Foi implantada uma quadrícula e, uma vez que a estrutura seria totalmente destruída, optou-se por escavá-la em área e por criar dois testemunhos no sentido Norte/Sul e Oeste/Este, permitindo duas leituras transversais.

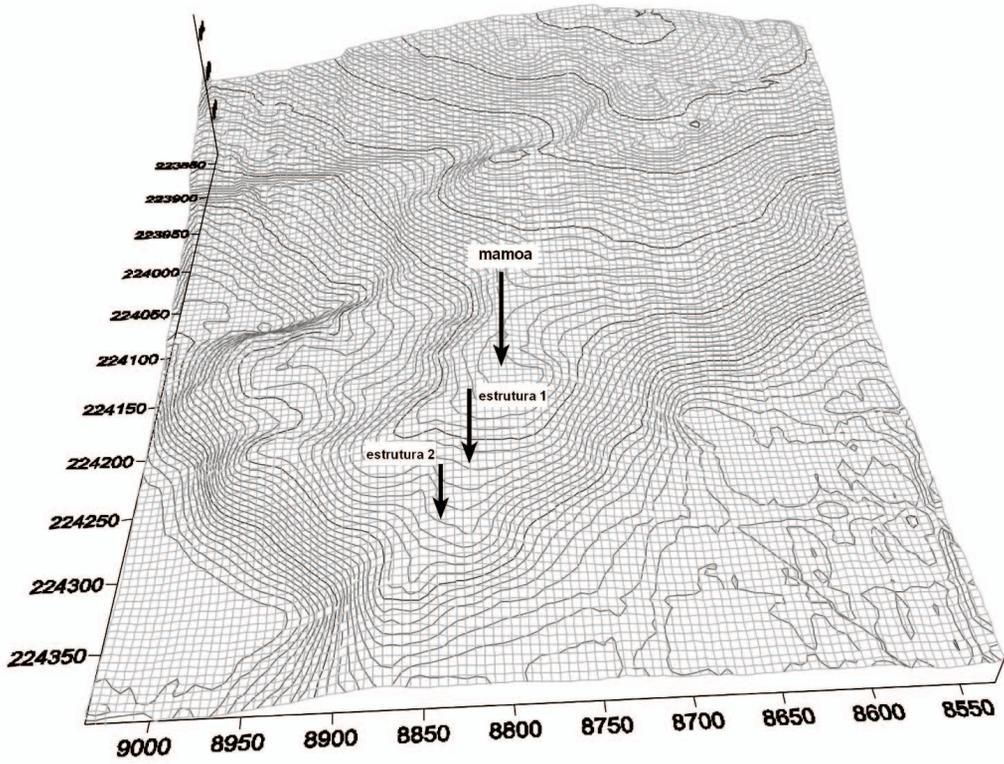


Figura 2. Vista wireframe do Outeiro das Mariolas (Surfer 8).



Figura 3. Planta geral com implantação das sondagens arqueológicas no Outeiro das Mariolas (Fase / REN).



Figura 4. Vista geral da mamoa do Outeiro das Mariolas no início dos trabalhos. (Sandra Nogueira).

Após a primeira decapagem dos vários quadrantes constatamos estar na presença de um pequeno *cairn* com cerca de 8m de diâmetro. Apresentava uma couraça pétreia pouco pronunciada de apenas 50cm de altura em alguns pontos, inserida no afloramento rochoso, que terá sido parcialmente cortado para receber o monumento. O aproveitamento da diáclase permitiu economizar esforço construtivo, o que justifica a sua menor extensão na parte setentrional.

Através das sucessivas decapagens, para além de uma concentração subcircular de elementos de quartzo branco registada em torno da área central, pudemos identificar dois anéis construtivos – um central e outro intermédio – constituídos por lajes de grandes dimensões, colocadas numa posição vertical e sensivelmente imbricadas.

O anel central definia um espaço sepulcral em fossa, selado por uma laje em granito colocada na horizontal. A fossa, subovalada de 2m de comprimento por 1,70m de largura, foi escavada no substrato natural (alterite granítica e saibro) contendo no seu interior uma primeira camada de terras negras com pequenos carvões, argilosas e compactas (UE 152). Sob esta unidade estratigráfica registaram-se mais dois estratos: a UE 153 com terras castanhas, argilo-arenosas,

ligeiramente compactas e a UE 154 com terras cinzentas, arenosas de granulometria fina, com manchas de saibro esbranquiçadas e castanhas, de compactidade mediana.

O espólio recolhido nesta área é muito reduzido, assinalando-se apenas três fragmentos de cerâmica sem forma (possivelmente fragmentos de bojo) provenientes das camadas que constituem a couraça pétreia do monumento (UE 114 e 133). Um deles está decorado com puncionamentos.

O material lítico é igualmente parco. Para além de alguns cristais de quartzo com levantamentos, pequenas esquirolas e de alguns seixos rolados em quartzito, recolhidos também na couraça do monumento, destacam-se dois utensílios em sílex. Um micrólito geométrico, em forma de crescente, de cor castanho acinzentado e um fragmento de lamela, de cor bege. Estes elementos foram exumados nos níveis que se depositam sob a estrutura tumular e poderão estar associados ao seu momento de construção (UE 116 e UE 141).

3.2.2. Sondagens

A primeira fase dos trabalhos integrou a abertura de 20 sondagens na área envolvente do *cairn*. Três foram implantadas a Sul e as restantes foram distribuídas de forma aleatória ao



Figura 5. Pormenor da couraça da mamoa do Outeiro das Mariolas. (Sandra Nogueira).



Figura 6. Planta geral da mamoa do Outeiro das Mariolas - sondagem 1 (Sandra Nogueira).

longo da plataforma mais baixa, a Norte. Deste conjunto, em 13 sondagens foram identificados materiais arqueológicos (fragmentos de cerâmica e elementos líticos), mas desprovidos de um contexto seguro, sendo que a maior concentração ocorre nas sondagens 8, 10, 18, 19 e 21 (Fig.3).

Já numa segunda fase, aquando do acompanhamento da desmatação e decapagem mecânica dos solos para a construção da subestação, foram identificadas nesta segunda plataforma quatro áreas com vestígios arqueológicos que impôs a abertura de novas sondagens. Deste modo, quatro das sondagens foram efectuadas em locais específicos que

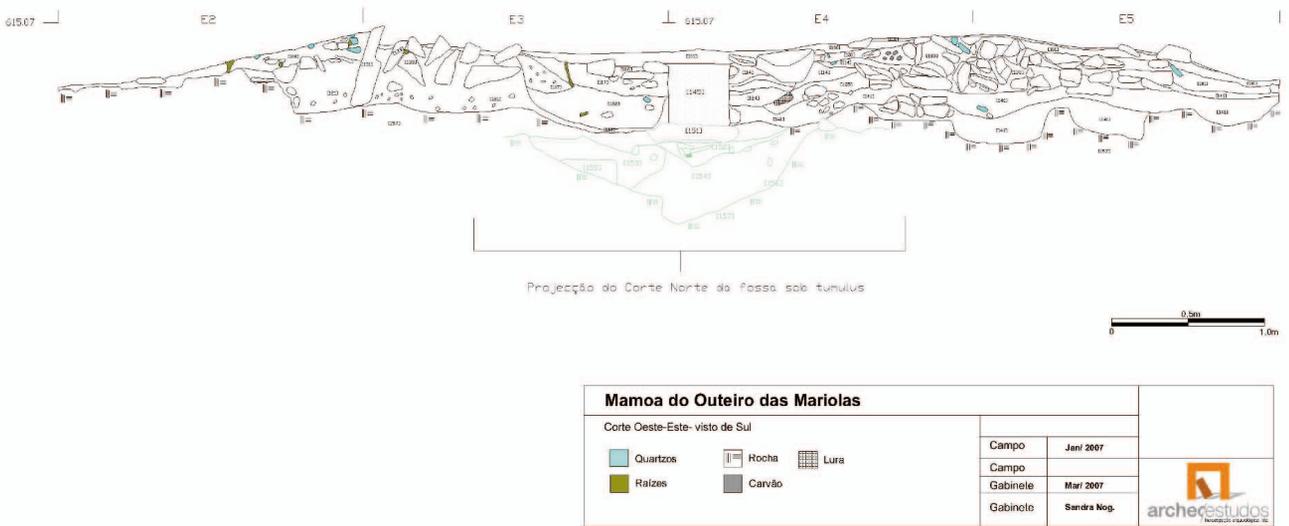


Figura 7. Corte Oeste – Este da mamoa do Outeiro das Mariolas - sondagem 1 (Sandra Nogueira).

correspondem a zonas com concentrações de material cerâmico (sondagem 23 e 25) ou a vestígios de estruturas (sondagem 22 e 24). As restantes foram implantadas, quer aleatoriamente, de forma a recolher o máximo de informação possível, quer de acordo com os resultados das quatro sondagens anteriores. No total foram abertas 15 novas sondagens e todas forneceram materiais arqueológicos, sendo que a maioria proveio das sondagens 22, 23, 25 e 31.

De toda a área intervencionada apenas nas sondagens 8, 10, 22, 23 e 24 foram identificados elementos estruturais que conferem alguma contextualidade ao conjunto total do espólio recolhido e que atestam uma ocupação humana efectiva neste local.

3.2.2.1. Sondagem 8

Na sondagem 8, sob as unidades estratigráficas superficiais, foi identificada uma estrutura pétreo de configuração subcircular (UE 805) com cerca de 2m de diâmetro que corta a UE 804 e o substrato natural (Fig.8). Esta estrutura foi construída com lajes grandes e pedras de vários tamanhos em granito, estando o seu limite definido por lajes sobrepostas e colocadas em posição inclinada, excepto a Nordeste, onde as pedras foram dispostas em posição vertical. O interior foi preenchido por pedras imbricadas e

de vários calibres que apresentavam vestígios de terem estado sujeitas à acção do fogo. E sobre estas registou-se uma fina camada de terras de cor castanho-escuro e cinzento-escuro, compactas, de textura argilosa, com carvões pequenos e, pontualmente, alguns muito grandes (UE 803a).

Face à inevitável destruição desta estrutura pelos futuros trabalhos de construção da subestação, optou-se pela sua escavação integral através do desmonte por quadrantes de modo a registá-la em dois perfis, um no sentido Este/Oeste e outro no sentido Sul/Norte.



Figura 8. Aspecto geral da estrutura da sondagem 8.

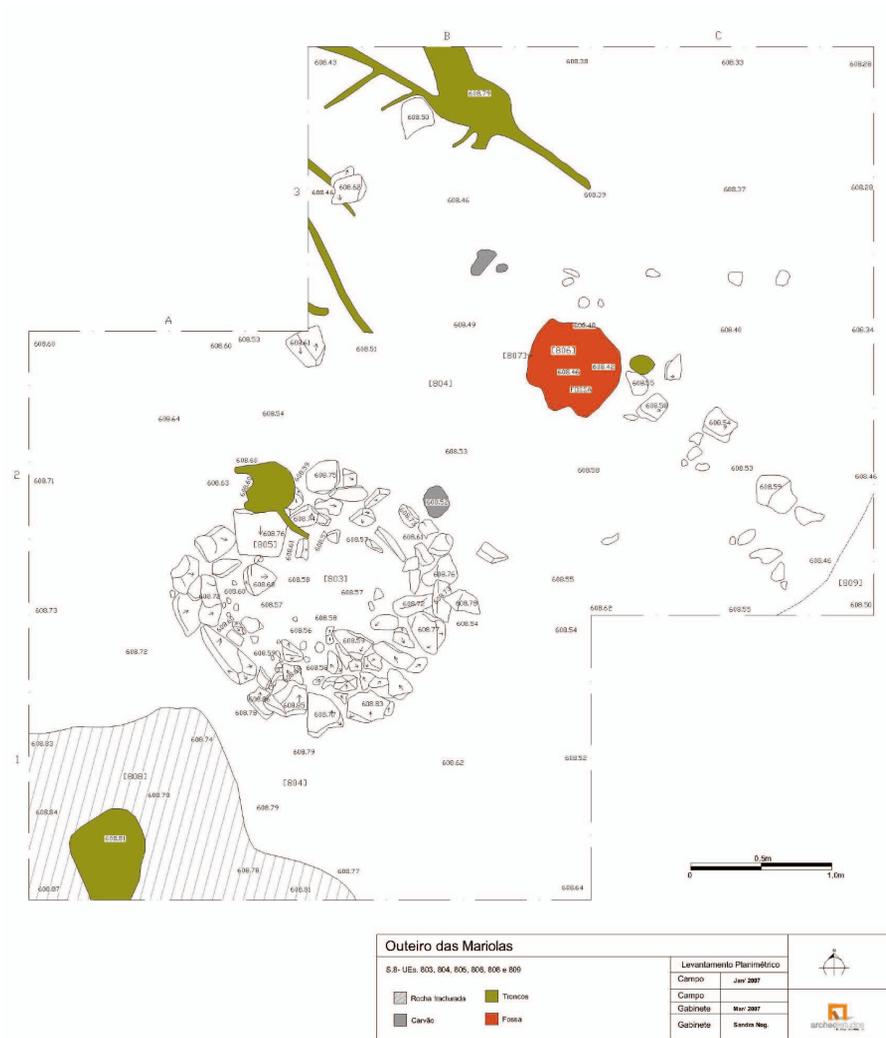


Figura 9. Planta geral da sondagem 8. (Sandra Nogueira).

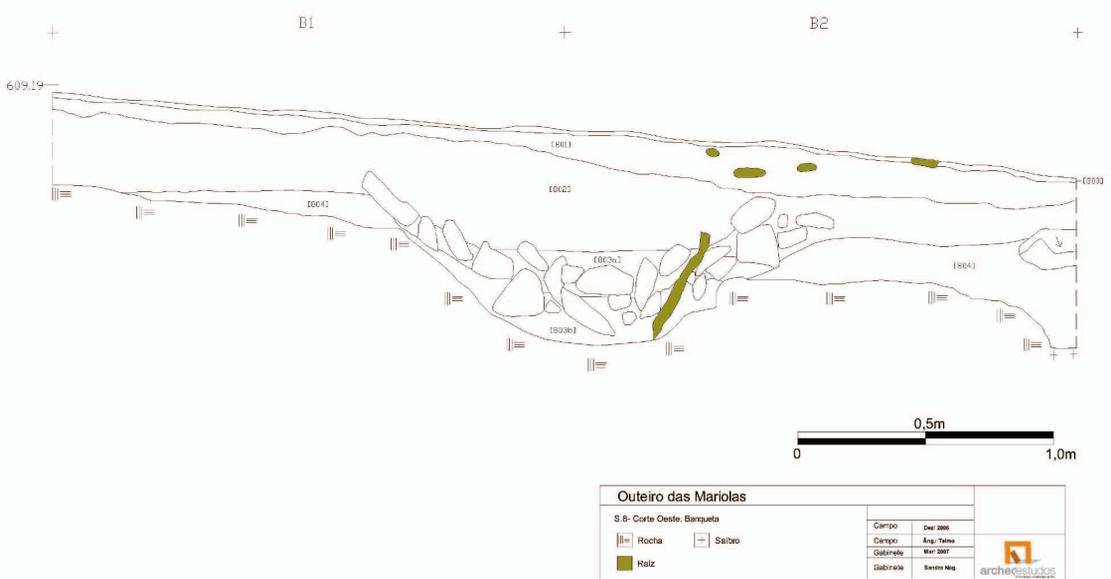


Figura 10. Corte Oeste – Este da sondagem 8. (Sandra Nogueira).

Deste modo, pudemos verificar que a sua construção e utilização foi feita em três momentos.

Num primeiro momento, foi escavada uma fossa ovalada com cerca de 1,60m de comprimento por 1,30m de largura, que perfurou a UE 804 (camada de terras sobretudo de cor castanha avermelhada com pequenas manchas em tons amarelados e castanho-escuro, compactas, de textura argilosa e com pequenos carvões dispersos) e o substrato rochoso fracturado. O interior desta fossa estava preenchido por uma camada de terras negras, de textura argilosa, pouco compactas, com algumas pedras pequenas e médias e com uma grande quantidade de carvões e de troncos carbonizados, que chegavam a atingir 10cm de comprimento e 5cm de diâmetro (UE 803b). Esta situação faz-nos supor que aqui terão sido queimados elementos vegetais intencionalmente.

O segundo momento corresponde à selagem da fossa e do nível de queimada com uma primeira camada de pedras grandes, seguida de uma outra, com pedras médias e de dimensões superiores, imbricadas. Este empedrado foi, ainda, limitado por grandes lajes, dispostas em posição inclinada convergindo para o centro.

Num terceiro momento, terá sido feita uma nova queimada sobre as pedras da estrutura, confirmada pelas pedras enegrecidas pelo fogo e pelas terras da UE 803a (fina camada de terras de cor castanho-escuro e cinzento-escuro, compactas, de textura um pouco argilosa e com muitos carvões pequenos e, pontualmente, alguns muito grandes).

Próximo desta construção registou-se também uma pequena fossa subcircular com cerca de 60cm de diâmetro e uma profundidade média de 40cm, escavada na UE 804 e no substrato rochoso. O seu interior estava preenchido por terras desagregadas, de cor castanha e com manchas amareladas (UE 806), tendo sido exumada apenas uma lasca em quartzo, possivelmente com levantamentos.

Nesta sondagem foi identificada uma outra estrutura (UE 813) que, no entanto, não será contemporânea das referidas anteriormente. Trata-se possivelmente de uma lareira constituída por um alinhamento de pedras de grande e médio porte dispostas em semicírculo, assente numa camada de terras de cor castanha amarelada, compactas e saibrosas (UE 811), camada que antecede a UE 804 e precede o substrato rochoso (UE 808). No interior deste alinhamento lítico registou-se um nível de terras de cor castanho-claro e amarela, pouco compactas, muito saibrosas e alteradas pelo fogo, com carvões e alguns restos de troncos carbonizados (UE 812).

No que diz respeito ao espólio recolhido, a maioria provém das unidades estratigráficas 802 e 804. Dentro do material lítico foram exumados mais de uma centena de cristais de quartzo, sendo que 24 deles têm levantamentos; 32 lascas de quartzo com levantamentos, sendo seis delas em quartzo hialino; um fragmento de quartzo com levantamentos; um fragmento de lâmina recolhido próximo da estrutura pétreia (UE 805) e uma lamela em quartzo; um seixo polido em quartzo de forma ovalada, recolhido junto do alinhamento semicircular (UE 812); um pequeno seixo em quartzito; cinco fragmentos de seixo em granito, possivelmente moventes e um fragmento em quartzo com vestígios de utilização, possivelmente como percutor.

Durante os trabalhos de acompanhamento da decapagem mecânica dos solos, na área considerada arqueologicamente sensível e cujas terras removidas foram crivadas, foi exumada uma quantidade significativa de materiais a Nascente e sobretudo a Norte e a Poente da sondagem 8. Contabilizaram-se, assim, 369 fragmentos de cerâmica; 60 elementos líticos com levantamentos ou vestígios de talhe; cinco fragmentos de dormente e seis de movente de mó manual de vai-e-vém e um trapézio em sílex.

3.2.2.2. Sondagem 10

Nesta sondagem sob as unidades estratigráficas superficiais (UE 1000 e 1001) foram registados elementos de cronologia pré-



Figura 11. Possível área habitacional da sondagem 10.

histórica que permitiram atestar uma ocupação humana no local e que ocorreu aproveitando os espaços livres entre os afloramentos rochosos. Identificámos duas áreas distintas.

Uma das áreas poderá corresponder a uma cabana que se define num espaço de configuração tosca, subovalada com cerca de 2,80m de comprimento por 1,80m de largura, delimitado pelo afloramento rochoso. No interior foi depositada uma camada de terras de cor castanha, muito compacta, de textura argilosa e com carvões pequenos (UE 1005), à qual estão associados restos de um piso de terra cinzenta-escuro compactada, possivelmente endurecida pelo recurso ao fogo (UE 1003). Nesta área, em posição sensivelmente central, observa-se uma lareira constituída por um lastro de argila, com cerca de 60cm de diâmetro, associado a algumas concentrações de carvão (UE 1002). Registou-se um buraco de poste que, pela sua proximidade, poderá estar relacionado com esta estrutura de combustão.

A outra área separa-se da primeira a Oeste por um veio de afloramento fracturado, é mais ampla e mais aberta. Aqui, apesar de identificarmos restos de piso (UE 1003) e uma quantidade considerável de fragmentos cerâmicos e de lascas em quartzo com levantamentos e retoques,

não pudemos fazer corresponder com alguma segurança esta área a uma cabana, pois não se dispõe de outros elementos estruturais que apontem nesse sentido.

Estes níveis de ocupação (UE 1003 e 1005) assentam sobre a camada de transição para o saibro e substrato natural.

No que diz respeito ao material recolhido nesta sondagem, a maioria provém das unidades estratigráficas 1001, 1004 e 1005. O material cerâmico destaca-se por ser o mais numeroso contando com 118 fragmentos (98 fragmentos de pança, dez fragmentos de bordo e apenas um fragmento de fundo). Dentro dos materiais líticos, foram exumados oito cristais de quartzo, três deles com levantamentos; 52 lascas de quartzo com levantamentos, seis delas em quartzo hialino; nove fragmentos de quartzo com levantamentos; uma lamela em quartzo hialino; dois fragmentos de quartzo que podem ter sido usados como núcleos de talhe e um fragmento de quartzo com uma aresta polida e com vestígios de utilização. Deste conjunto destacam-se os cinco moventes em granito e os fragmentos de uma goiva.

3.2.2.3. Sondagem 22

A identificação de algumas áreas com concentrações significativas de materiais arqueológicos durante a segunda fase dos trabalhos e no acompanhamento da decapagem mecânica dos solos justificou a abertura da sondagem 22.

Aqui verificou-se uma situação semelhante à registada na sondagem 10, onde sob as camadas superficiais foi definida uma área com restos de um piso em terra compactada e endurecida pelo fogo, delimitada pelo afloramento rochoso.

Associados a este piso aparecem materiais de cariz pré-histórico: oito fragmentos cerâmicos e doze elementos líticos (três fragmentos de quartzo com levantamentos, um cristal de quartzo com levantamentos, uma lasca de



Figura 12. Vista geral da sondagem 22.

quartzo hialino, três fragmentos, dois deles em quartzito, com polimento e dois fragmentos de movente em granito).

3.2.2.4. Sondagem 23

Entre as sondagens 22 e 10, foi implantada a sondagem 23 também durante a segunda fase dos trabalhos arqueológicos.

Aqui, no espaço livre junto dos afloramentos rochosos, foi detectada uma pequena fossa escavada na UE 2302 (camada de terras de cor castanho, de textura arenosa de grão médio e compactas), que consideramos ser a camada de ocupação. Associado a esta pequena estrutura e sobre esta camada de ocupação, foi identificado um alinhamento semicircular de pedras de vários calibres, com vestígios de terem estado sob a acção do fogo.

Porém, este contexto torna-se pouco claro na medida em que a zona a Oeste da sondagem já tinha sido anteriormente afectada pelos trabalhos de decapagem mecânica dos solos.

Nesta sondagem foram recolhidos: vinte fragmentos de cerâmica (um deles com decoração) e cinco elementos líticos (três fragmentos de quartzo com levantamentos e dois fragmentos de movente em granito).



Figura 13. Pormenor da sondagem 23.

Em torno das sondagens 10, 22 e 23, aquando da crivagem das terras provenientes da decapagem mecânica nesta área (áreas B1 e B2), e que resultou posteriormente na abertura das sondagens, foi recolhida uma quantidade significativa de materiais que reforça a hipótese de uma ocupação humana neste local: 61 fragmentos de cerâmica e 27 elementos líticos, dos quais se destacam três moventes de mó manual, uma ponta de seta em sílex e uma enxada em material xistoso.

3.2.2.5. Sondagem 24

A sondagem 24, efectuada na segunda fase dos trabalhos durante a decapagem mecânica da camada de terras húmidas, resulta do aparecimento de uma acumulação invulgar de pedras e lajes em granito de configuração subcircular, situação que se assemelhava à registada na sondagem 8.

Deste modo, foi aberta uma sondagem de 16m² que permitiu registar uma construção de configuração subcircular, cujos limites estão definidos por pedras de médio e grande porte e lajes colocadas em posição inclinada convergindo para o centro, sendo o interior preenchido por pedras imbricadas e de vários calibres, cobertas parcialmente por uma camada de terras de cor



Figura 14. Aspecto geral da estrutura da sondagem 24.

cinzenta, de compacidade média, de textura argilosa mas com muitos elementos não plásticos (minúsculos quartzos e micas) e carvões (UE 2403).

No entanto, não obstante a sua semelhança com a construção registada na sondagem 8, apresentava uma estruturação menos cuidada e um estado de degradação elevado, decorrentes de uma maior exposição aos agentes erosivos naturais e humanos. Pois se por um lado se encontrava próxima da superfície, por outro lado a antiga linha de água que atravessava a sondagem no sentido S SO/N NE deverá ter provocado o desmoronamento de algumas das pedras.

Face à sua inevitável destruição pela abertura do restabelecimento 1 da subestação, optou-se pela sua escavação integral através do desmonte por quadrantes que permitiu registá-la em dois perfis, um no sentido Este/Oeste e outro no sentido Sul/Norte.

A construção e utilização desta estrutura foram efectuadas em momentos diferentes, obedecendo aos mesmos parâmetros da estrutura registada na sondagem 8.

Num primeiro momento foi escavada uma fossa de forma subcircular com cerca de 2m de diâmetro e 20cm de profundidade média, que

perfurou a UE 2402 (camada de transição para a rocha base) e o substrato natural. No seu interior terão sido queimados elementos vegetais, a julgar pela camada de terras de cor castanho-escuro e cinzento-escuro, quase negras, de textura argilosa, compactas e com muitos elementos carbonosos de dimensão variável e restos de troncos carbonizados (UE 2407).

O segundo momento corresponde à selagem da fossa e do nível de queimada por uma camada de pedras de vários tamanhos imbricadas umas nas outras, delimitada por grandes lajes ou pedras dispostas em posição inclinada ou vertical.

Todavia, neste caso não pudemos falar com segurança da existência de um terceiro momento, tal como aconteceu na sondagem 8. Aqui, a camada que assenta sobre as pedras da estrutura (UE 2403), apesar de ter uma coloração cinzenta e conter pequenos carvões, tem, no entanto, muitas raízes e matéria humosa e as pedras da estrutura não estão enegrecidas pelo fogo. Isto faz-nos supor que se trata de uma alteração das terras superficiais e não propriamente de uma camada resultante da sua utilização.

O espólio proveniente desta área é escasso e resume-se a um fragmento de cerâmica muito pequeno e erodido, a uma lasca em quartzo, mas sem um contexto seguro, e a dois fragmentos de dormente de mó manual de vai-e-vém, integrados na estrutura pétreia que cobre a fossa escavada no substrato natural.

Das restantes sondagens efectuadas em torno da sondagem 24, destacamos aqui a sondagem 25, a Norte, onde apesar de não ter sido identificado qualquer tipo de estrutura, foi exumada uma grande quantidade de materiais cerâmicos. Contabilizaram-se 145 fragmentos de cerâmica (dois deles com decoração) e sete elementos líticos (cinco fragmentos de quartzo com levantamentos, um deles em quartzo hialino, uma possível lasca em quartzo hialino e um fragmento em granito com uma pequena cavidade aparentemente artificial).

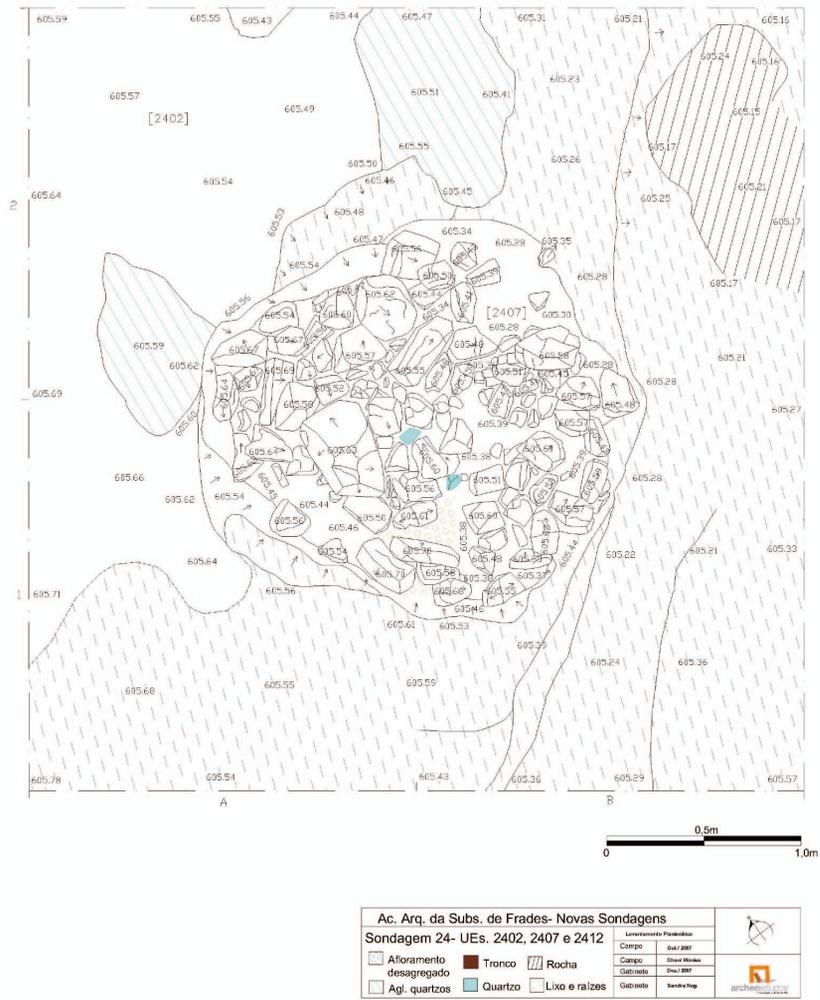


Figura 15. Planta geral da sondagem 24. (Sandra Nogueira).

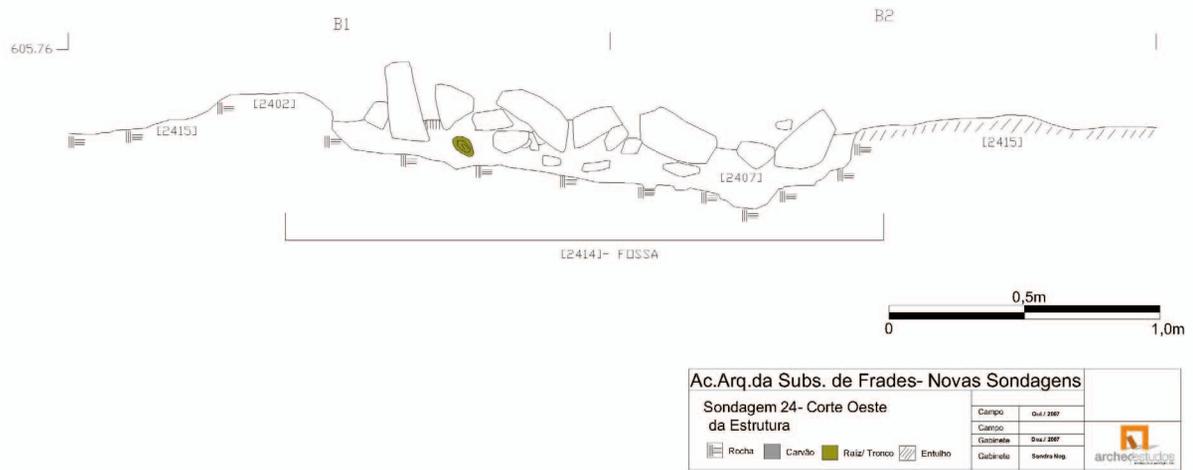


Figura 16. Corte Oeste da sondagem 24. (Sandra Nogueira).

Também aqui, no decorrer dos trabalhos de acompanhamento da decapagem mecânica dos solos, na área considerada arqueologicamente sensível e cujas terras removidas foram crivadas, foi exumada uma quantidade significativa de materiais. Situação que obrigou à abertura das sondagens descritas.

Deste modo, nesta área mais a Norte da plataforma (área C1 e C2) exumaram-se 338 fragmentos de cerâmica e 22 elementos líticos, dos quais se destaca uma lâmina em sílex fragmentada.

3.3. Espólio

O material recolhido nas sondagens efectuadas distribui-se de forma desigual. As sondagens 8, 10, 18, 21, 22, 23, 25 e 31 foram as que registaram um maior número de elementos materiais.

No que diz respeito ao material cerâmico, a breve análise que foi possível fazer mostramos estarmos perante um conjunto homogêneo representativo de um período cronológico específico.

No total foram recolhidos 1146 fragmentos, sendo que a maioria, cerca de 772 fragmentos, provém das terras crivadas, removidas por decapagem mecânica aquando dos trabalhos de acompanhamento. Contabilizaram-se 1070 fragmentos de bojo, 70 fragmentos de bordo, quatro fragmentos de fundo e apenas dois fragmentos de asa.

Numa observação macroscópica dos fragmentos pudemos verificar que todos os elementos são de fabrico manual. A maioria apresenta pastas friáveis ou pouco compactas, de cozedura essencialmente redutora, com abundância de elementos não plásticos, sobretudo pequenas partículas de quartzos. Dominam os fragmentos com superfícies alisadas e rugosas, registando-se uma percentagem reduzida de superfícies polidas.

A caracterização morfológica das peças revelou-se uma tarefa difícil, uma vez que o número de fragmentos com forma é muito escasso. Sabemos apenas que algumas peças são carenadas, outras têm colos côncavos alongados e outras deverão corresponder a taças hemisféricas.

Do conjunto total do material cerâmico, apenas 41 fragmentos têm decoração. A maioria ostenta linhas incisadas horizontais e paralelas e linhas tracejadas ou pontilhadas horizontais e paralelas, por vezes formando bandas. Representados num exemplar cada, registam-se ainda os seguintes motivos: linhas pontilhadas verticais e paralelas, linhas tracejadas onduladas, pontilhado ou bandas pontilhadas, triângulos incisivos preenchidos por pontilhado e cepilhado.

Deste modo, apesar da reduzida percentagem de fragmentos com forma ou motivos decorativos, supomos que o acervo cerâmico do Outeiro das Mariolas se enquadra no Campaniforme.

No que se refere ao espólio lítico, destaca-se sobretudo a quantidade significativa de lascas em quartzo e quartzo hialino com vestígios de talhe e os fragmentos de movente em granito.

Foram também exumados alguns objectos líticos, mas em número muito reduzido, nomeadamente um fragmento de uma goiva, uma ponta de seta em sílex, uma enxó, fragmentos de lâminas e de lamelas e um crescente em sílex.

O conjunto do espólio recolhido enquadra-se grosso modo nos finais do Calcolítico / inícios da Idade do Bronze.

4. Integração cronológico-cultural no contexto do Calcolítico Final/Bronze Inicial

A evidência da mamoa do Outeiro das Mariolas e os resultados da intervenção na plataforma mais baixa, a Norte, reflectem e atestam uma ocupação humana no local que, seguramente, não se encerra apenas na construção e utilização do monumento funerário.



Figura 17. Material cerâmico e lítico do Outeiro das Mariolas. (Ricardo Abranches)

Quer pela proximidade física das estruturas identificadas, quer pela analogia dos materiais cerâmicos e líticos que lhes estão associados, supomos uma contemporaneidade e uma relação cronológica e cultural entre os vestígios pré-históricos do Outeiro das Mariolas, que se articulam num eminente cenário de cariz funerário e ritual.

As características do monumento – *cairn* de reduzida dimensão com fossa de enterramento na área central – e o tipo de implantação na paisagem sugerem uma cronologia do Bronze Inicial.

Este tipo de estruturas, de volumetria pouco expressiva construídas em pedra ou em terra e pedras identificam-se noutras áreas da fachada atlântica da Península Ibérica.

A ausência de estudos, e seguramente o desconhecimento deste tipo de monumentos na área próxima do Outeiro das Mariolas, não nos permite uma análise e integração cronológico-cultural mais sustentada para esta região de confluência entre o Minho e Trás-os-Montes. No entanto, os estudos efectuados no Norte e Centro de Portugal, assim como na Galiza, permitem-nos fazer um enquadramento no contexto cultural daquele período, ainda que genérico por falta de datações radiocarbónicas para estas estruturas.

No Norte de Portugal destacam-se alguns monumentos na Serra da Aboboreira (Baião), nomeadamente os *cairns* 1 e 5 de Outeiro de Gregos (Jorge, 1981:29-35; Cruz, 1998:390) e o monumento 4 das Meninas do Crasto que se inserem cronologicamente entre meados do III milénio a. C. e meados do II milénio a. C. (Jorge, 1983:23-39; Cruz, 1998:390).

Para a região Centro, referimos o monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu) por apresentar características muito próximas do monumento do Outeiro das Mariolas. Trata-se igualmente de um *cairn* de reduzida dimensão, que aproveita o afloramento granítico fortemente diaclasado, com uma fossa central contendo no seu interior indícios de um ritual relacionado com o fogo, provavelmente decorrente da incineração *in situ* de um corpo. As datações de radiocarbono inserem este monumento na fase inicial da Idade do Bronze.

Na Galiza evidenciamos a mamoa 1 de Pedra de Xesta (Boiro, Corunha) e as construções tumulares de As Pontes (Corunha) que datam dos finais do Calcolítico / inícios da Idade do Bronze (Cruz, 1998:391).

Todavia, a mamoa do Outeiro das Mariolas não pode ser encarada como uma construção isolada na paisagem e no mundo funerário como muitas vezes acontece com o estudo deste tipo de manifestações culturais, porque a escavação se limita apenas à área ocupada pelas estruturas visíveis à superfície. Neste caso concreto, não pudemos negligenciar a evidente associação entre o monumento funerário e as outras ocorrências e construções de cariz pré-histórico detectadas no terreno envolvente.

Sobre a existência de outras construções nas imediações dos monumentos com *tumulus*, são poucos os exemplos que se conhecem.

Destacamos aqui o caso de duas necrópoles da Galiza de Agro de Nogueiras (Toques, Corunha) e de Gandón (Morrazo, Pontevedra), atribuídas ao Bronze Antigo, por encerrarem diferentes tipos de estruturas que demonstram quer a complexidade dos contextos funerários,

quer a possibilidade da coexistência de rituais de inumação e incineração num mesmo espaço e num mesmo período temporal (Meijide Cameselle, 1996:215-239; Cruz, 1998: 392).

No caso concreto da necrópole de Agro de Nogueiras, pudemos tentar ver nas estruturas em fossa cobertas por pedras e preenchidas por terras carbonosas as estruturas subcirculares em fossa do Outeiro das Mariolas. Naquela necrópole foram exumadas duas cistas, uma delas mais pequena e com vestígios de incineração, e nove fossas escavadas no substrato rochoso, cobertas por concentrações de pedras dispostas de forma desordenada, que continham no seu interior terra e pequenos carvões, sem evidência de ossos ou espólio (Meijide Cameselle, 1996:215-239). O autor interpreta estas estruturas em fossa como possíveis sepulturas de inumação.

Por sua vez, no que diz respeito às estruturas pétreas com fossa, identificadas na plataforma mais baixa do Outeiro das Mariolas, não estamos certos da sua funcionalidade.

Por um lado, surgem associadas a concentrações significativas de material cerâmico e material lítico o que pode fazer antever a existência de um habitat de pequenas dimensões se também tivermos em conta os restos de pisos de possíveis cabanas. Deste modo, poderíamos interpretar estas construções como sendo estruturas de combustão integradas num espaço de carácter doméstico, que, no entanto, pelas suas dimensões, teriam servido essencialmente como fontes de calor e luz e não propriamente para confeccionar alimentos. Aliás, nenhum indício aponta para esta última funcionalidade.

Contudo, a relação que parece existir entre estas estruturas e a mamoa, no que se refere à proximidade e à implantação no terreno, e as suas características construtivas são elementos que poderão pressupor uma funcionalidade mais complexa possivelmente contextualizada no ritual da construção do *cairn*. Apesar de não ter sido recolhido qualquer tipo de espólio ou vestígios de ossos no seu interior, as terras que preenchem as fossas, com uma grande quantidade de material

lenhoso carbonizado e a forma elaborada da sua construção, permitem-nos supor que se tratem de estruturas de carácter funerário e ritual, sem que no entanto as possamos interpretar como sepulturas.

E apesar de não afastarmos a hipótese da existência de um pequeno habitat no local, parece-nos mais provável estarmos diante de um acampamento temporário resultante

da construção deste ambiente funerário materializado na mamoa e nas estruturas pétreas com fossa.

Por fim, embora não disponhamos por ora de datações radiocarbónicas, a análise dos elementos estruturais e do espólio recolhido aponta para a integração deste contexto entre os finais do Calcolítico e os inícios da Idade do Bronze.

5. Bibliografia

- BETTENCOURT, A. M. S. (1995) - Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p.110-115.
- CRUZ, D. J. (1995) - Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-históricos*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. 3, p.81-119.
- CRUZ, D. J. (1998) - Expressões funerárias e cultuais no Norte da Beira Alta (V – II milénios a. C.). Actas do Colóquio *A Pré-história na Beira Interior* (Tondela, 1997). *Estudos Pré-históricos*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. 6, p.149-166.
- CRUZ, D. J.; GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. M. S. (1998) - Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação. Actas do Colóquio *A Pré-história na Beira Interior* (Tondela, 1997). *Estudos Pré-históricos*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. 6, p.375-396.
- JORGE, V. O. (1981) - Importância do núcleo megalítico do Outeiro de Gregos, Serra da Aboboreira, Baião. *Arqueologia*. Porto. 3, p.29-35.
- JORGE, V. O. (1983) - Escavação das Mamoas 2 e 4 de Meninas de Crasto. Serra da Aboboreira. Baião. *Arqueologia*. Porto. 7, p.23- 39.
- MEIJIDE CAMESELLE, G. (1996) - La necrópolis del Bronce Inicial del Agro de Nogueira (Piñeiro, Toques, A Coruña) en el contexto funerário de su época. Humanitas. In *Estúdios en homenaxe ó Prof. Dr. Carlos Alonso del Real*. Universidade de Santiago de Compostela. Vol. I, p.215-239.

